

A economia e a eleição presidencial

Luiz Carlos Bresser-Pereira entrevistado por Jorge Priori

Monitor Mercantil, 14 de maio de 2026

Segundo Bresser-Pereira, o próximo presidente precisa segurar o crescimento da dívida pública, mas o ajuste fiscal não é a solução de todos os problemas.

Conversamos com Luiz Carlos Bresser-Pereira sobre a economia e a eleição presidencial. Bresser-Pereira é professor emérito da Fundação Getúlio Vargas e foi ministro da Fazenda em 1987, durante a presidência de José Sarney.

Qual a sua avaliação sobre o atual estado da economia brasileira?

A economia brasileira está crescendo menos por causa do grande ajuste monetário que foi feito. Como o crescimento anterior já não era grande coisa, a economia continua semi-estagnante.

Um ponto absolutamente impressionante é que o Brasil, desde a década de 1980, cresce muito menos do que os países ricos e menos ainda do que os países em desenvolvimento. O país tem ficado para trás de forma sistemática, o que o impede de alcançar os níveis de renda dos países ricos.

O Brasil cresceu de maneira absolutamente extraordinária entre 1930 e 1980, mas depois disso entrou em estagnação. Neste período, só houve um momento em que o Brasil cresceu com uma taxa mais alta, o segundo governo Lula (de 2007 a 2010), mas isso se deve ao boom das commodities, quando seus preços subiram de forma brutal.

Qual a sua avaliação sobre a forma como o presidente Lula recebeu a economia e vai entregá-la ao seu sucessor, mesmo que seja ele no caso de uma reeleição?

O Brasil passou a ser mal governado a partir da presidência de Dilma Rousseff. Sobre todos os pontos de vista, ela é uma mulher digna e respeitável, mas, infelizmente, não tinha competência para ser presidente da República. Como o seu governo foi desastroso, ela acabou sofrendo o impeachment. Depois disso, nós tivemos a presidência de Michel Temer, que foi um desastre profundo. Se a Dilma era uma desenvolvimentista incompetente, Temer era um ortodoxo também incompetente. Na presidência de Bolsonaro, a situação piorou muito. Durante quatro anos, nós não tivemos, pura e simplesmente, presidente. Nós tivemos um ministro da Fazenda (Paulo Guedes), que fez muitas coisas, inclusive algumas boas, mas que foram poucas.

Lula recebeu uma economia que praticamente não saiu da quase estagnação depois do seu segundo mandato, quando ela teve um desempenho excepcional. Por mais que Lula tenha tido problemas por ter feito promessas excessivas para o seu terceiro mandato, ele teve a ajuda de um ministro da Fazenda que foi exemplar, Fernando Haddad, que ajudou Lula a fazer o que podia ser feito, já que o governo está longe de ser o todo-poderoso.

Isso porque o governo precisa governar com o Congresso, que é um horror, uma coisa teratológica, e com a classe dominante que ainda não percebeu que o neoliberalismo fracassou. Isso fez com que o governo Lula ficasse muito amarrado do ponto de vista econômico.

O presidente Lula vai entregar para o próximo presidente, mesmo que seja ele próprio, uma economia com um sério problema fiscal, que foi agravado um pouco pelo seu governo. O fato concreto é que o próximo presidente, independente de quem seja, vai ter que fazer um ajuste fiscal, já no início do seu mandato, para pôr um pouco de ordem na casa.

Em caso de reeleição, você acredita que o presidente Lula e o seu governo teriam uma nova abordagem econômica? E caso ele não seja reeleito, o que o novo presidente terá que fazer?

Independente de quem seja, o próximo presidente precisa segurar o crescimento da dívida pública. Cabe destacar que eu defendo um certo ajuste fiscal. Isso porque, por mais que o ajuste fiscal seja necessário, ele não é, como alguns liberais pensam, a solução de todos os nossos problemas. Se o ajuste fiscal for feito, isso será ótimo, mas também será preciso resolver outros problemas, como a taxa de câmbio e o déficit em conta corrente, que é grave. Outro problema é a elevada taxa de juros, que acaba sendo boa apenas para os rentistas, que vivem de juros, e para os financistas que a administram.

Na sua avaliação, a inflação está sob controle?

A inflação está aumentando por causa do conflito no Oriente Médio. Como eu não acredito que esse conflito se prolongue por muito tempo, eu não creio que a inflação saia muito da meta. Dessa forma, eu realmente não estou muito preocupado com a inflação.

A meta de inflação de 3% é adequada à dinâmica da economia brasileira?

A meta de inflação de 3% é um absurdo. É impressionante que o atual governo, que era contra uma taxa de juros alta, tenha aceitado, logo no seu início, a redução da meta de inflação para 3%, quando ela deveria ser 4%. Isso porque o Brasil tem histórico inflacionário, sendo que depois do Plano Real, dificilmente a inflação saiu de cerca de 5% ao ano.

Uma das razões estruturais para isso é que a economia brasileira continua indexada, já que o Plano Real não fez a sua desindexação. Esse foi o maior defeito do Plano Real, pois a indexação causa inflação. A indexação é um mal em si, assim como a alta taxa de juros.

Como disse, a meta de inflação deveria ser de 4%, o que ainda seria apertado. A meta de 3% impõe objetivos inalcançáveis que obrigam o Banco Central a praticar uma taxa de juros absurda.

Está se formando um combo de problemas composto pelo aumento da inflação, aumento do custo de vida e endividamento da população. O que o governo deveria fazer para ajudar a resolver esses problemas?

Neste momento, o governo está mais preocupado com o problema do endividamento. Nessa matéria, o país cometeu erros muitos grandes, sendo que o principal foi o crédito consignado, que eu não sei como foi aprovado pelo presidente Lula no final de 2003, ainda no seu primeiro mandato. O crédito consignado parece uma coisa boa para quem contrata e para os bancos, que podem emprestar com segurança, mas isso incentiva a acumulação de dívidas. Cabe ressaltar que esse problema já havia sido previsto em 2003.

Não se deve estimular uma pessoa a se endividar, mas sim a não se endividar. O governo está tentando dar uma série de alívios aos devedores, mas eu não sei o quanto efetivas serão essas medidas. Elas podem ajudar um pouco, mas não muito.

Com relação ao problema do custo de vida, existe, de fato, uma diferença entre o custo de vida e a inflação. Por exemplo, a cesta básica tem aumentado mais do que a inflação. Esse combo que você mencionou é um problema sério que vai dificultar a reeleição do presidente Lula, que está fazendo o que pode, apesar das suas políticas não estarem dando muito certo.

Na sua avaliação, qual o motivo que está gerando um distanciamento entre a percepção econômica do governo e a percepção econômica, de uma maneira geral, da população?

Eu acho que é muito cedo para dizer que essa tendência vai continuar. Pelo contrário. Eu acho que ela vai mudar. Na última semana, nós tivemos o encontro de Lula com Trump. Lula teve uma atuação em grande estilo, foi amável, fez concessões e demandas, e negociou com os Estados Unidos. Vale ressaltar que, no passado, os americanos não concordavam em negociar com os países do Terceiro Mundo. Eles diziam o que tinha que ser feito, e nós fazíamos. Esse era o esquema da ortodoxia econômica, sendo que ela seguia os preceitos que vinham dos Estados Unidos.

O ponto é que desde o primeiro governo Trump houve uma mudança muito grande que foi confirmada pelo governo Biden. Os Estados Unidos voltaram a utilizar uma política industrial e a aplicar uma série de tarifas aduaneiras, que são uma forma de intervenção. Assim, não há nenhuma razão para nos mantermos ortodoxos quando deveríamos estar sendo desenvolvimentistas.

Os liberais tentam identificar o desenvolvimentismo com o populismo econômico, mas isso é um absurdo. Você pode perfeitamente ser desenvolvimentista sem ser populista, pois o que você precisa para ser desenvolvimentista é simplesmente acreditar que o Estado deve intervir moderadamente na economia e assumir uma posição de nacionalismo econômico, que não tem nada a ver com nacionalismo étnico. Isso é absolutamente razoável.

Muitos países asiáticos têm crescido muito mais que o Brasil. Quando houve a crise do tarifaço de Trump, verificou-se que esses países continuavam usando tarifas aduaneiras bastante altas para promover suas indústrias. Aqui, nós abandonamos isso há muito tempo e parece que temos medo de falar no assunto.